

Estatísticas Agrícolas

2017

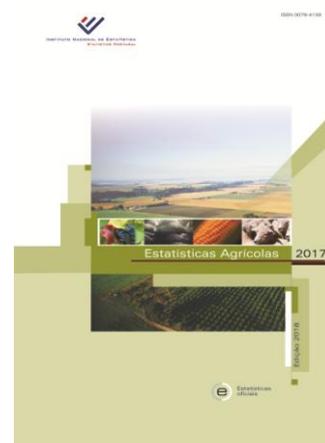
Campanha agrícola 2016/2017 marcada por máximos históricos nas produções de pomares e olival

O VAB da agricultura cresceu 6,5%, em termos nominais, em 2017, após uma redução de 1,5% em 2016. Esta variação reflete fundamentalmente o acréscimo de 4,4% na produção do ramo agrícola (-2,4% em 2016), em resultado de um acréscimo em volume (+3,8%) e da estabilização dos preços base (+0,6%). O consumo intermédio registou um acréscimo de 3,1%.

No ano agrícola 2016/2017 os pomares apresentaram excelentes produções, com registos *records* de maçã, cereja, kiwi, laranja e amêndoa. Destaque para a produção de azeite que ultrapassou 1,47 milhões de hectolitros, correspondendo à campanha mais produtiva desde que se dispõe de registos sistemáticos.

O INE divulga neste destaque alguns dos principais resultados da publicação "Estatísticas Agrícolas 2017".

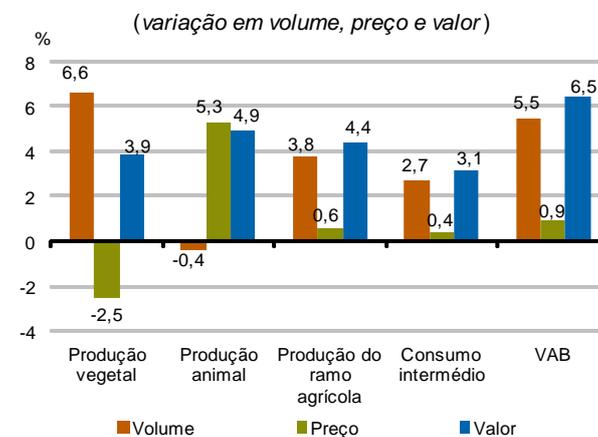
Esta publicação está organizada em treze capítulos temáticos que incorporam a análise de resultados e os respetivos quadros de informação ([Aceda aqui](#)).



Em 2017 a Produção do ramo agrícola aumentou 4,4% em valor

O VAB da agricultura cresceu 6,5%, em termos nominais, em 2017, após uma redução de 1,5% em 2016. Esta variação reflete fundamentalmente o acréscimo de 4,4% na produção do ramo agrícola (-2,4% em 2016), em resultado de um acréscimo em volume (+3,8%) e da estabilização dos preços base (+0,6%). O consumo intermédio registou um acréscimo de 3,1%.

Figura 1 >> Produção do ramo, Consumo intermédio e VAB em 2017



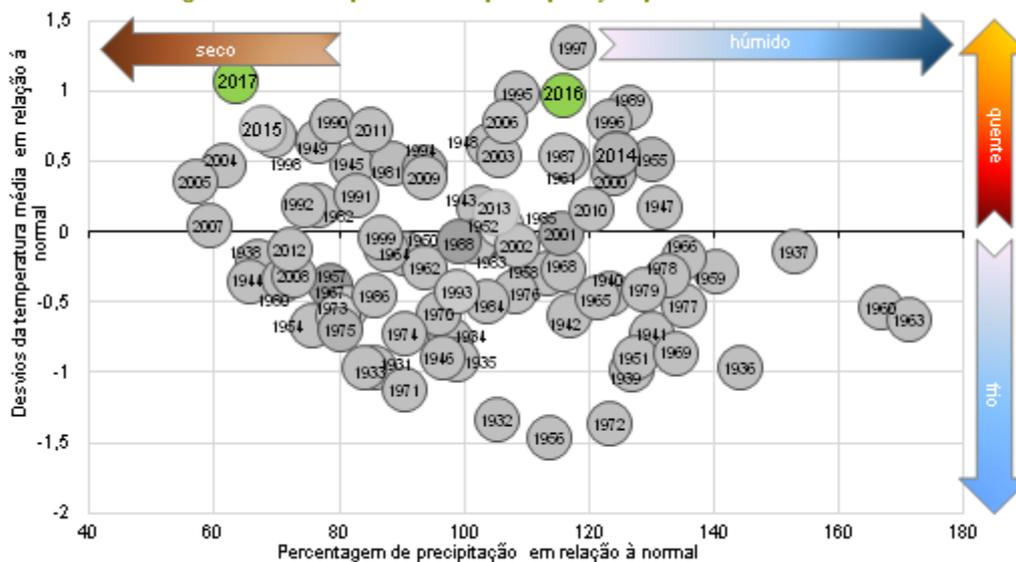
A Produção vegetal registou um aumento em valor de 3,9%, resultante do acréscimo em volume (+6,6%) e da redução dos preços base (-2,5%). O aumento nominal da Produção animal face a 2016 (+4,9%) deveu-se fundamentalmente a um incremento dos preços base (+5,3%), uma vez que o volume registou um ligeiro decréscimo (-0,4%).

A conjugação de um aumento dos preços menos acentuado no consumo intermédio do que na produção do ramo agrícola, gerou condições mais favoráveis ao produtor agrícola do que as observadas em 2016.

Ano agrícola 2016/2017 caracterizou-se meteorologicamente como muito quente (2017 foi o segundo ano mais quente desde 1931) e muito seco (2017 foi o terceiro ano mais seco)

O ano agrícola 2016/2017 iniciou-se com tempo quente e seco, o que permitiu a realização dos trabalhos agrícolas da época. A escassa pluviosidade manteve-se no inverno, encontrando-se no final de dezembro 78% do território em seca meteorológica fraca, agravando-se no final de janeiro para os 95%, com 3% do território já em seca moderada. Ainda assim as sementeiras dos cereais de inverno foram concluídas em condições agronomicamente aceitáveis.

Figura 2 >> Temperatura e precipitação período 1931-2017



Fonte: IPMA, I. P.

A primavera foi a terceira mais quente desde 1931, com valores de precipitação 25% abaixo da normal. Este cenário permitiu a normal realização dos trabalhos agrícolas da época, mas condicionou o desenvolvimento das culturas de sequeiro e contribuiu para a diminuição do nível de armazenamento de água na maioria das bacias hidrográficas, o que obrigou ao ajustamento das áreas planeadas para as culturas de primavera/verão.

O verão de 2017 foi o sexto mais quente e o terceiro mais seco desde 2000, sendo classificado meteorologicamente como quente e extremamente seco. Ao longo deste período foi frequente a secagem completa de charcas e a acentuada diminuição do nível dos lençóis freáticos dos furos e poços, com implicações na capacidade de satisfazer as necessidades hídricas das culturas e na disponibilidade de água para abeberamento dos efetivos.

Balanco da campanha agrícola 2016/2017: Produção excecional de fruteiras e azeite

Os pomares de macieiras registaram um máximo histórico de produção, cerca de 330 mil toneladas (+36,3% face a 2016), apresentando os frutos bons calibres. As produções de cereja e laranja foram as maiores das últimas décadas, beneficiando das boas florações e de desenvolvimentos vegetativos adequados. Também o kiwi, com uma produção de 35,4 mil toneladas (+68,0% face a 2016), alcançou a campanha mais produtiva de sempre, devido à entrada em plena produção de plantações recentes. Nos frutos secos destacam-se os amendoais com uma produção de 20 mil toneladas (+131,1% face a 2016), a maior deste século.

Figura 3 >> Produção vegetal

Portugal Culturas	Anos	Produção					2017/ média quinquenal	2017/2016
		2013	2014	2015	2016	2017	%	
		t						
Maçã		287 314	273 721	324 994	241 611	329 371	113	136
Pera		202 483	210 009	141 186	137 805	202 277	113	147
Pêssego		22 839	41 053	46 899	32 347	41 646	113	129
Cereja		10 776	10 577	17 714	7 362	19 563	148	266
Kiwi		21 306	18 150	28 331	21 075	35 411	142	168
Laranja		236 800	251 519	246 639	299 583	319 743	118	107
Amêndoa		4 446	9 033	10 090	8 713	20 139	192	231
Azeite (a)		999 853	665 325	1 190 523	757 373	1 470 352	145	194

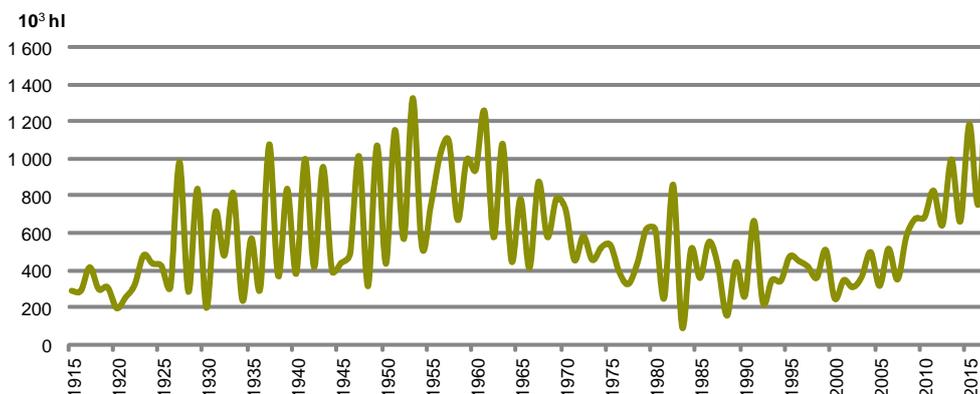
Fonte: INE I. P., Estatísticas da Produção Vegetal, Inquérito Anual à Produção de Azeite; Instituto da Vinha e do Vinho, I. P.

Nota: as produção de azeite corresponde à iniciada no ano agrícola indicado e continuada no ano seguinte.

(a) Produção - unidade: hl

Um outro máximo histórico foi alcançado na campanha oleícola, com a produção de azeite a ultrapassar 1,47 milhões de hectolitros (+94,1% face a 2016), em grande parte justificada pelas condições meteorológicas favoráveis na fase da floração e vingamento, que originaram uma carga inicial de azeitona muito elevada, bem como a gestão criteriosa das regas dos modernos olivais intensivos, que permitiram a maturação em boas condições de grande parte dos frutos.

Figura 4 >> Produção de azeite (1915-2017)



Os olivais de sequeiro registaram, após a precipitação de outubro, alguma recuperação da produtividade e do rendimento em azeite, confirmando as características de adaptação das variedades tradicionais (nomeadamente da Galega) aos períodos de seca relativamente frequentes nos climas mediterrânicos.

A funda (rendimento da azeitona em azeite) também alcançou valores ao nível das melhores campanhas, assim como a qualidade do azeite produzido, quase totalmente classificado como "virgem extra".

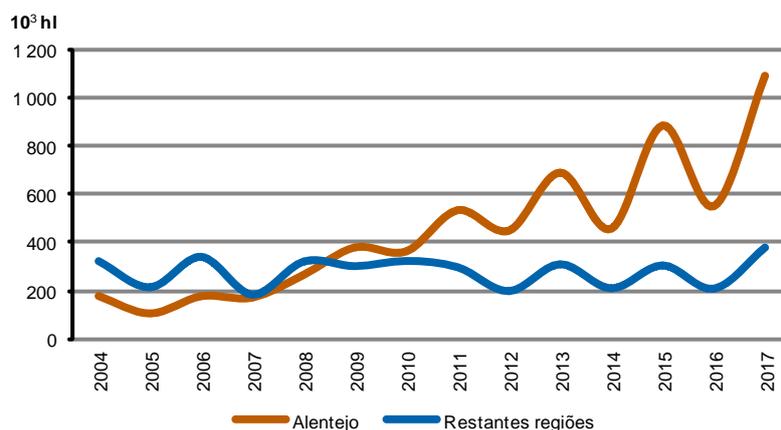
Figura 5 >> Azeite obtido por NUTS II e grau de acidez

NUTS II	Azeite obtido		Azeite obtido por grau de acidez					
	(hl)	(%)	até 0,8°		0,9° a 2,0°		> 2,0°	
			(hl)	(%)	(hl)	(%)	(hl)	(%)
Portugal	1470 451	100,0	1407 914	95,8	57 366	3,9	5 071	0,3
Norte	176 245	12,0	167 972	95	7 633	4	540	0
Centro	189 264	12,9	152 974	81	32 998	17	3 194	2
Área Metropolitana de Lisboa	434	0,0	89	27	245	73	0	0
Alentejo	1090 077	74,1	1079 981	99	8 665	1	1332	0
Algarve	14 829	1,0	6 898	47	7 825	53	5	0

Fonte: INE I. P., Inquérito Anual à Produção de Azeite

O Alentejo foi a principal região produtora com quase $\frac{3}{4}$ da produção em 2017, consequência do investimento efetuado na região pelo sector oleícola, principalmente no perímetro de rega do Alqueva. Desde 2009 que o Alentejo passou a produzir mais de metade do azeite nacional.

Figura 6 >> Evolução regional da produção de azeite (2004-2017)



Previsões agrícolas, em 30 de junho de 2018

Prevê-se um aumento generalizado da produtividade dos cereais de outono/inverno (5% no centeio, 15% no trigo e aveia e 20% no triticale e cevada). Quanto às culturas de primavera/verão, que, devido à saturação dos solos, registaram atrasos nos trabalhos de instalação, estima-se uma superfície de milho semelhante à da campanha anterior, e rendimentos unitários próximos dos alcançados em 2017 no arroz, tomate para a indústria e girassol. Na batata de regadio, espera-se uma redução de 5% na produtividade.

Nas fruteiras, perspectiva-se uma boa campanha no pêsego, com frutos de boa qualidade. Na cereja, e após uma campanha de 2017 que foi historicamente elevada, antecipa-se uma redução de 10% na produção, com frutos de baixo calibre e reduzido teor de açúcar. Para as pomóideas, também se deverá registar uma diminuição de 10% no rendimento, para valores próximos da média do último quinquénio.

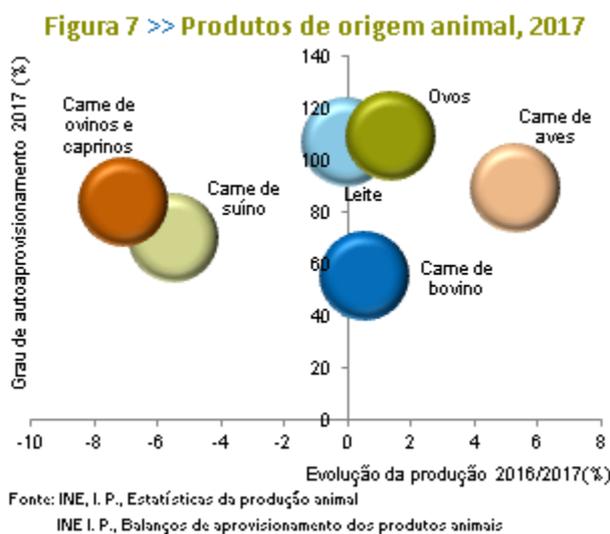
Produtos de origem animal em 2017: aumento da produção de carne de aves e de ovos

Em 2017, a produção total de carne situou-se nas 889 mil toneladas, refletindo uma variação de -0,4%, quando comparada com 2016. Houve uma diminuição de 4,4% do total de carne de reses (inclui bovinos, suínos, ovinos, caprinos e equídeos), equilibrada pelo aumento de 5,3% da carne de animais de capoeira (inclui galináceos, perus e patos).

O mercado interno contribuiu em 2017 com 76,7% da quantidade de carne necessária para satisfazer as necessidades nacionais de consumo (77,6% em 2016). A diminuição do grau de autoaprovisionamento do país ficou a dever-se ao decréscimo da produção de carne e ao aumento das importações em 4,2%, face ao ano anterior.

A produção de carne bovina (91 mil toneladas) foi superior em 0,5% face a 2016, resultante sobretudo do abate de animais mais pesados. A seca ocorrida em 2017 levou os produtores de vacas aleitantes em pastoreio a reduzir os efetivos, quer por falta de pastagem, quer pelo custo da palha, o que levou ao aumento do abate de fêmeas e machos adultos. O consumo de carne de bovino teve um aumento superior ao da produção (+3,7%), evolução sustentada essencialmente pelo acréscimo de 8,0% das importações de carne de bovino face a 2016.

As 378 mil toneladas de carne de suíno produzidas em 2017, representaram um decréscimo de 5,5% em relação a 2016, com os abates a registarem diminuições nas categorias leitões, porcos de engorda e reprodutores.



Em contrapartida, a produção de carne de animais de capoeira registou um aumento global de 5,3%, quando comparada com o ano 2016, tendo atingido as 389 mil toneladas. A produção de frango alcançou as 318 mil toneladas, com um acréscimo de 5,4% e a carne de peru reforçou a tendência de aumento em 2017 (+4,4%, face a +2,1% em 2016), tendo atingido as 43,4 mil toneladas. O consumo acompanhou a evolução da produção e aumentou 2,4%.

A produção bruta de ovos de galinha foi 141 mil toneladas (+1,4% face a 2016), sendo que 118 mil toneladas corresponderam a ovos para consumo (+1,6%) e 23 mil toneladas a ovos de incubação (que não apresentaram variação significativa da produção face a 2016).

A produção total de leite em 2017 apresentou, em termos globais, uma manutenção relativamente a 2016.

A informação relativa à produção animal disponível para 2018 (período de janeiro a maio) mostra as seguintes tendências, quando comparada com o período homólogo de 2017:

Abates aprovados para consumo

O volume de abate de gado apresenta um aumento global de 2,2%, resultante do acréscimo registado nos bovinos (+6,3%), suínos (+1,5%) e caprinos (+4,2%). Pelo contrário, o volume de ovinos abatidos apresenta de momento um decréscimo (-4,5%), bem como o dos equídeos (-23,8%).

O volume total de aves e coelhos abatidos regista também um aumento de 3,1%, devido a um maior abate de galináceos (+3,5%), que inclui o frango (+2,3%), e também de patos (10,5%) e coelhos (+9,1%). Já os abates de perus e codornizes apresentam decréscimos de 2,2% e 5,7%, respetivamente.

Aves e ovos

O número de aves do dia mostra uma diminuição de 1,8% e a produção de frango para abate um volume inferior em 4,0%. A produção de ovos de galinha para consumo apresenta uma ligeira diminuição em relação ao período homólogo de 2017 (-0,8%), enquanto o volume de ovos para incubação regista um decréscimo de 1,2%.

Leite de vaca e produtos lácteos

Em 2018 a recolha de leite de vaca apresenta, para o acumulado em análise, um acréscimo de 2,4% em relação a 2017.

Igual tendência se verifica relativamente ao total de produtos lácteos (+7,4%), com maiores volumes para os laticínios frescos, caso do leite para consumo (+6,4%), da nata (+13,7%) e dos leites acidificados (+16,0%). A situação é semelhante para os principais produtos transformados, nomeadamente o leite em pó (+12,9%), a manteiga (+0,1%) e o queijo de vaca (+4,3%).